

HISTÓRIA DE MARIA

HISTÓRIA DE MARIA

Profa Drn. Juliana Lapa Rizza*



*Doutoranda do PPG Educação Ambiental (FURG).

Olá pessoal! Tudo bem com vocês? E o início das aulas como foi? Muito/as colegas novos/as na escola?

Com a volta as aulas na minha escola, passei a ter muitas novidades para compartilhar com vocês, já estava com saudades de escrever contando minhas histórias. Aconteceram muitas coisas desde que as aulas recomeçaram. Logo no primeiro dia de aula, eu, minhas colega Laura, Júlia e Isabella e o resto da turma estávamos no pátio esperando para entrar para a sala e quem vem nos encontrar na fila? Um professor!! Sim, agora tenho um professor, ele é novo na escola e começou trabalhando com a minha turma de 5º ano, o nome dele é Daniel. No início eu e meus/minhas colegas achamos estranho, porque na nossa escola, trabalhando com crianças, só tínhamos professoras, mas logo na primeira semana, conforme fomos nos conhecendo, o prof. e a turma, percebemos que nosso ano de estudo seria bem interessante e que iríamos aprender muitas coisas novas!

MULHERES NO MAGISTÉRIO

A docência, ao longo dos anos, foi sendo associada como uma atividade prioritariamente exercida pelas mulheres. Esse fato ocorreu devido a relação do magistério a um dom ou vocação e a mulher como responsável por gerar um bebê e também a função do cuidado e educação das crianças, atividades construídas social e historicamente como femininas, deveria seguir seu dom ou vocação, mas adquirindo espaço em âmbitos públicos, por meio do exercício da docência (RABELO; MARTINS, 2014)

Além da novidade com a chegada do prof. Daniel para nos dar aula, outra situação deixou a turma um pouco agitada e também curiosa. No ano passado, quando estávamos no 4º ano, tínhamos um colega, o Thiago. Ele estava repetindo o 4º ano pela terceira vez. Muito quieto e sem conversar muito, ele não brincava com os meninos e também nem com as meninas, ele ficava muito sozinho na hora do recreio e quando tinham trabalhos em grupos, ele quase sempre fazia sozinho, só participava de algum grupo para fazer trabalho quando convidávamos ele. Uma vez eu, a Júlia, a Laura e a Isa até convidamos ele para fazer um trabalho sobre as tradições gaúchas, mas foi só dessa vez também que fizemos atividades da aula juntos. Desde que as aulas terminaram, nunca mais vimos o Thiago pelo bairro, mas na volta as aulas tivemos um grande surpresa. Ele chegou na escola, junto com a mãe o irmão

mais velho, só que bem diferente de como costumávamos vê-lo no ano passado. O Thiago chegou na escola vestido de menina, ele já tinha o cabelo comprido, mas ele tinha crescido mais ainda, estava usando uma calça jeans e uma blusa que aparecia um pouco da barriga, estava com brinco e com batom e ainda usava uma sapatilha rosa cheia de brilhos.

Quando ele entrou no portão da escola, todo mundo começou a rir, apontar e comentar sobre a roupa que o Thiago estava usando. Fiquei um pouco confusa, sem entender o que estava acontecendo. O sinal tocou, o prof. veio nos buscar e fomos para a sala. O Thiago e sua mãe foram conversar com o diretor da escola. Nos organizamos na aula, começamos a contar as novidades da férias, o prof. Daniel se apresentou para a turma e quando vimos o diretor entra na sala com o Thiago, dizendo que era uma nova colega, a Luanna, que ela iria estudar na nossa turma e que ele esperava que nós a respeitássemos e acolhêssemos na turma.

Ficamos em silêncio sem saber o que falar e fazer. O prof. Daniel disse ao Thiago, agora Luanna, que ela eram bem vinda na nossa turma e que podia escolher um lugar para sentar. Enquanto o diretor conversava com o prof. no lado de fora da sala, acredito que para explicar que o Thiago era agora a Luanna, a turma inteira foi conversar com ele e começamos a fazer muitas perguntas. Por que não se chamava mais Thiago? Por que estava vestido de mulher?

No início, eu e também os/as meus/minhas colegas, ficamos um pouco confusos/as. Como vamos chamar ele ou ela, de Thiago ou de Luanna? E será que ele vai vir assim vestido de mulher sempre? E o banheiro, quando ele quiser fazer xixi, ele vai vestido de mulher no banheiro dos meninos ou das meninas? A turma ficou agitada com tamanha novidade, mas aos poucos fomos entendendo o que estava acontecendo e o prof. Daniel, nos ajudou muito, pois durante as aulas, ele tem conversado com a turma sobre sexualidade e também sobre a importância das pessoas viverem do jeito que elas se sentem bem e que sejam felizes.

O prof. Daniel, primeiro começou conversando com a turma sobre a quantidade de pessoas diferentes que convivemos, ninguém é igual a ninguém, todos somos diferentes e isso é a diversidade. Nos vestimos com roupas diferentes. Gostamos de coisas diferentes. Nem mesmo as meninas da turma são iguais, embora tenhamos a mesma idade, eu a Júlia, a Isa e a Laura somos muito diferentes. Então, discutindo sobre a diversidade com o prof. Daniel, descobrimos que não existe um único jeito de ser menina e de ser menino no mundo, que existem muitas maneiras de ser e isso ele chamou de identidade de gênero.

Essa foi mais uma das tantas histórias que eu adoro contar e compartilhar com vocês,

as vezes são histórias da minha família, dos meus amigos que moram perto da minha casa e hoje contei um pouco sobre a minha escola e como foi o começo das aulas. Acredito que a nossa nova aluna, a Luanna, e também o nosso professor, o Daniel, e as atividades e discussões que ele tem feito com a minha turma, vão fazer com que eu tenha muitas histórias para contar. Então pessoal, até um novo encontro com as novas histórias de Maria!

IDENTIDADES DE GÊNERO

Somos construídos como sujeitos através da linguagem, dos múltiplos discursos que nos interpelam, nas diferentes instâncias sociais em que transitamos. É nesse processo de constituição que produzimos as nossas identidades, que não são únicas, nem fixas e estáveis, são fragmentadas, fluidas. Para Louro (2001), “somos sujeitos de muitas identidades. [...] Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Por tanto, as identidades de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural [...]” (p. 12). Nesse sentido, a identidade de gênero diz respeito às várias formas que os sujeitos têm de viver a sua masculinidade e a sua feminilidade, ou seja, as diferentes formas de ser homem e mulher na nossa sociedade.

Referências:

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07-34.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. **A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério**. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/556AmandaO.Rabelo.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2014